

EDUCAÇÃO

Ensino médico reforma currículos

O reforço da postura ética, do vínculo à realidade brasileira em saúde e integração das escolas com o sistema de saúde local, além de maior estímulo à pesquisa, são as propostas da Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Medicina para melhorar a qualidade do ensino médico. A deficiência nessas áreas foi identificada na maioria das 85 escolas de ensino médico existentes no país, das quais 24 concentradas em São Paulo. O objetivo é mudar, em alguns anos, o perfil dos profissionais egressos dessas escolas para que cheguem ao mercado de trabalho com postura crítica, ética, humanística, e formação generalista. “A preocupação é formar o médico cidadão. Mas o processo é lento e as mudanças não ocorrem de uma hora para outra”, avalia o coordenador da Comissão de Ensino de Graduação da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Emílio Baracat. O primeiro movimento pela formação de médicos generalistas foi há 15 anos, liderado por entidades de classe de alguns estados. Em 1991, surgiu, então, o projeto da Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico (Cinaem). “Ao longo dos últimos 10 anos, ocorreram tentativas pontuais em algumas escolas do ensino médico, como a Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG) e Universidade de São Paulo (USP)”, acrescenta Baracat. Um dos problemas identificados e que mereceu resposta imediata foi a fragmentação do currículo. Além disso, embora 85% a 90% das doenças da população possam ser atendidas no nível primário ou secundário, a formação geral dos médicos não priorizava esse grupo de doenças. Ao contrário, as escolas estimulam a especialização, através da residência médica como uma continuidade natural da graduação; e o mercado reforça essa tendência, com melhor remuneração ao profissional especializado. O Programa Saúde da Família, do Ministério da Saúde, foi um elemento catalisador para a mudança do cenário. Os médicos generalistas passaram a receber incentivo, estimulando mudanças na formação médica, diz Baracat.

PROMED O Programa de Incentivo à Mudança Curricular para as Escolas Médicas (Promed), lançado pelo Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação, deverá incrementar as reformas. A iniciativa tem a participação da Organização Panamericana de Saúde (OPAS) e já foi realizada em países da Europa, Canadá e nos Estados Unidos. Para viabilizar as mudanças nos currículos das escolas médicas, o programa investirá recursos em 20 escolas. Cada uma receberá R\$ 200 mil, por semestre, durante três anos. Cinquenta e cinco escolas apresentaram projetos para pleitear os investimentos financeiros, a serem distribuídos a partir

deste ano. Entre as escolas médicas selecionadas pelo Ministério da Educação estão as das universidades federais de Londrina, Minas Gerais, Pernambuco, Fluminense do Rio de Janeiro, Roraima e da estadual de Campinas. Os recursos serão para contratação de consultores, realização de oficinas, requalificação de professores e compra de material de ensino.

Liliane Gama

AGRICULTURA

Sementes rústicas para resgatar produção no Vale do Ribeira

Algumas pequenas comunidades rurais na região do Vale do Ribeira, em processo de reconhecimento pelo poder público como remanescentes de escravos ou como comunidades quilombolas, encaram o desafio de tornar suas terras produtivas. O plantio de roças, garantida a posse legítima sobre essas terras, é uma das únicas alternativas de sobrevivência para a região, que detém os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado de São Paulo. Cresce, portanto, a necessidade por sementes rústicas, mais adaptadas às condições do ambiente e de plantio.

“As espécies e variedades requisitadas pelas comunidades são as mesmas que sempre foram cultivadas por seus antepassados”, afirma Justiniano Carnero,



agrônomo responsável pelo programa “Resgate de Sementes Variedades Tradicionais”, desenvolvido na região pela Fundação Instituto de Terras, órgão da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do estado de São Paulo. O objetivo é retomar o plantio de espécies nativas, aproveitando o conhecimento no manuseio do banco genético, que é parte da cultura de pelo menos quinze comunidades favorecidas. Arroz, feijão, milho e outras espécies alimentícias, como raízes de mandioca, colmos de cana-de-açúcar, tubérculos de batata-doce, rizomas de bananas, taiobas, carás, inhames e mangaritos estão entre as variedades catalogadas e disseminadas nas comunidades. Uma parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) poderá garantir parte do fornecimento necessário de algumas espécies tradicionais, que já



Trabalho na roça é traço cultural e alternativa de sobrevivência



Fotos: Arquivo/Fundação Instituto de Terras

Variedades de arroz são catalogadas e disseminadas entre as comunidades através de permutas

não existem nas roças do Vale. Também foram doadas pela prefeitura de Porto Vitória, no Paraná, uma pequena quantidade de cinco variedades de milho crioulo extintas entre os quilombolas. “Todas as variedades encontradas estavam, ou ainda estão, em processo de extinção”, alerta o agrônomo.

As restrições legais ao cultivo em lugares vizinhos a áreas de preservação ambiental, bem como a lentidão da regularização fundiária, acarretaram a redução do espaço agricultável, levando algumas comunidades a abandonar suas roças. Com isso, houve perda de variedades de sementes rústicas que deixaram de ser plantadas. Entre as metas do programa, está o fortalecimento da segurança alimentar, recuperação e preservação das riquezas genéticas e culturais das comunidades rurais e montagem de um banco de sementes.

O coordenador acrescenta que se espera amenizar alguns problemas enfrentados pelas comunidades quando elas tentam recuperar o plantio nas roças. “Infelizmente, muitas famílias têm que recorrer à doação de sementes e, em alguns casos, comprá-las em casas de lavoura. Como essas sementes não são desenvolvidas para a região, e nem para o tipo de manejo utilizado pelas comunidades, elas têm baixa produtividade e, muitas vezes, sequer germinam”, diz Carnero.

O programa, criado há pouco mais de um ano, vem pesquisando variedades existentes nas comunidades – coleta, catalogação e classificação de amostras –, permutas entre as comunidades para multiplicar as sementes, além de consultar os pequenos agricultores sobre quais variedades pretendem cultivar.

Sara Nanni